

## FORMAÇÃO DOCENTE: A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

**Sandra Pottmeier<sup>1</sup>, Melissa Probst<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Centro Universitário Leonardo da Vinci/Programa de Pós-Graduação em Educação a Distância: Gestão e Tutoria/Email: [pottmeyer@gmail.com](mailto:pottmeyer@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Tuiuti do Paraná/Doutoranda em Educação/Email: [melissaprobst@terra.com.br](mailto:melissaprobst@terra.com.br)

**Resumo:** O presente artigo está ancorado na *Análise Dialógica do Discurso* e se inscreve no Curso de Educação a Distância: Gestão e Tutoria do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu do Centro Universitário Leonardo da Vinci. Este estudo tem por objetivo compreender o sentido de educação a distância na voz do professor de escola pública. Optou-se pela escolha deste sujeito, o professor, pois é um ser social e histórico, permeado pela era do conhecimento. Buscam-se assim, elementos que caracterizam as marcas ideológicas, o lugar de onde esses sujeitos falam e de como essas marcas contribuem para identificar as condições de produção que podem interferir significativamente no enunciado do sujeito. A geração de dados está baseada em entrevista aberta com docentes, egressos da EAD, que ministram aulas de Língua Portuguesa, Geografia, Ciências/Biologia nas séries finais do ensino fundamental e ensino médio em uma escola da rede pública de ensino localizada no Vale do Itajaí (SC). Os resultados sinalizam para a educação a distância como a possibilidade/opportunidade de formação em que todos os seres humanos têm habilidades para escrever e ler e usar as novas tecnologias (Internet). O que se diferencia, entretanto, são as capacidades de cada aluno da EAD, capacidades essas que se incluem no espaço social e cultural por meio de sua interação com o outro (professor/tutor/aluno). A educação a distância, permite que o aluno tenha autonomia para estudar a partir de sua organização e disciplinamento. É um processo que possibilita ao estudante ter uma organização do tempo e espaço de estudo.

**Palavras-Chave:** Educação a Distância, Interação, Professor.

### 1 INTRODUÇÃO

Esse artigo foi tecido tendo como objeto de estudo a educação a distância na voz do professor, em específico, o professor da rede pública de ensino que vem tendo contato com diversos apetrechos tecnológicos (*lpods, lpads, netbooks*, celulares entre outros). Tal acontecimento pode ser considerado resultado da interação com seus alunos. Isto permite pensar também o professor na relação de ensino e aprendizagem com este aluno, que é, no atual contexto, tão bem equipado tecnologicamente. Entende-se que o jovem do século XXI, “é um sujeito moderno, um consumidor voraz e insaciável de notícias, de novidades um curioso impenitente, eternamente insatisfeito” (LARROSA, 2004, p. 157).

Destaca-se, contudo, que a escola pública há muito vem sendo influenciada e, portanto, sofrendo com as rápidas e inúmeras mudanças da sociedade do final do século XX e início do século XXI. Essa influência varia desde a nova reorganização da família até as novas formas de comunicação ignoradas muitas vezes como recursos de aprendizagem. As escolas dão legitimidade a um saber produzido no exterior da produção docente, que propaga uma concepção dos professores centrada na difusão e transmissão de conhecimentos. Contudo, é também um lugar de reflexão sobre as práticas, o que permite vislumbrar uma perspectiva dos “professores como profissionais produtores do

saber e de saber-fazer” (NÓVOA, 1992, p. 16).

Depreendemos este “saber-fazer” (NÓVOA, 1992) a partir de uma busca incessante do docente no que se refere a sua formação, uma vez que a necessidade do uso das várias tecnologias, principalmente a do computador, no intuito de educar, vem crescendo ano após ano. Esse movimento democrático vem permitindo que docentes tenham a oportunidade de cursar uma graduação, uma especialização, dar continuidade nos estudos a partir de cursos de formação continuada sejam presenciais, semipresenciais ou a distância.

Nesse sentido, optar pela formação no modelo presencial, significa ir para a instituição escolar (independente do nível) vários dias por semana, permanecendo na instituição geralmente por mais de uma hora, enquanto as modalidades semipresenciais ou a distância tem se tornado uma opção cada vez mais viável, visto que há a possibilidade de autogerenciar o seu estudo. Freire (1987), nesse sentido, diz que uma educação democrática é aquela que dá vez e voz a seus atores, concretiza-se nos preceitos da coletividade e a participação é premissa para o processo de mudança acontecer.

Compreende-se, a partir de Freire (2011), que por meio dessa consciência pela busca ao conhecimento pelo docente, teremos um aluno mais autônomo, mais crítico, mais consciente e depreendendo que o local onde ele vive, necessita dele para que haja esta mudança. Neste sentido, Freire (2011), considera a “palavra” mais que instrumento, ela representa a origem do diálogo.

O diálogo, neste contexto, ocorre entre o professor/tutor e o aluno, entre aluno e aluno num processo de interação seja na sala de aula tradicional ou na sala de aula virtual. Esse docente em formação tem a possibilidade de abrir a consciência para o mundo e com o mundo através da palavra. Pensando nesse diálogo buscamos neste artigo compreender o sentido de educação a distância na voz do professor a partir de entrevista aberta com três docentes, egressos do curso de EAD, que ministram aulas de Língua Portuguesa, Geografia, Ciências/Biologia nas séries finais do ensino fundamental e ensino médio em uma escola da rede pública de ensino localizada no Vale do Itajaí (SC).

O aporte teórico é cunhado pela Análise Dialógica do Discurso (LARROSA, 2004) ao tratar da linguagem como interação a partir de um viés bakhtiniano; Freire (1987; 2011) e Giroux (1997) no que se refere à educação num viés dialógico, democrático; Nóvoa (1992) e Tardif (2002) quanto à formação docente; bem como outros autores que

se inserem nos Cadernos de Estudos do Curso Educação a Distância em Gestão e Tutoria do Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu* do Centro Universitário Leonardo da Vinci, nos auxiliam na compreensão do tema. O texto está organizado nas seguintes seções: metodologia da pesquisa, com a abordagem; resultados e análises; por fim, seguem considerações e referências.

### **1.1 A linguagem como interação na educação a distância**

A concepção de linguagem como interação que permeia este trabalho a partir da educação a distância é a que a toma como fio tecedor que une as pessoas uma as outras. Concebida, pois, como espaço de interação social (BAKHTIN, 2003) encontra-se concretamente estabelecida na sociedade por meio do campo verbal e do não-verbal. Quando falamos de leitura, escrita e produção de sentidos trabalhamos a linguagem em seu campo verbal, mas com o entendimento de que a presença do não-verbal é bastante forte nos dias atuais.

Isto permitiu pensar “quais os sentidos de Educação a Distância na voz do professor de escola pública?”. A partir de então, surgiu o objetivo geral desse artigo que foi o de compreender os discursos acerca da educação a distância a partir da voz do professor de escola pública. Este objetivo foi permeado por objetivos específicos em que: a) buscamos depreender nos discursos dos sujeitos, esse processo de ensino e aprendizagem a distância no contexto em que se inserem; b) analisar as reflexões dos sujeitos sobre os sentidos dos discursos acerca da educação a distância e; por fim, c) compreender como esses sujeitos se veem nesse contexto em seu dia a dia.

Neste sentido, Pretti (2005, p. 25 *apud* TAFNER; TOMELIN; SIEGEL, 2009, p. D1-15), evoca que “a mediação tecnológica não pode eliminar ou querer se colocar no lugar da mediação humana”. O processo de construção do conhecimento ocorre *pela* e *na* interação de uma comunidade de aprendizagem (autores, coordenadores, professores, tutores, alunos). A mediação tecnológica como o uso de livros para ensinar e aprender são objetos que somente começaram a ser usados em larga escala com o advento das técnicas de impressão de Gutenberg, no século XV, que permitiu que os livros se tornassem portáteis.

Acreditamos assim, que um novo modelo de educação ligado à aplicação de novas tecnologias, principalmente a Internet vem democratizando o ensino e, possibilitando a este aluno do ensino a distância que seja cidadão consciente de seu papel na sociedade

e sujeito que transforme o meio que vive (GIROUX, 1997). Isto só é possível, porque entendemos a língua como um produto sócio histórico, uma forma de interação social realizada por meio de enunciações e que sua natureza é social. Logo, para que este aluno tenha voz e vez, que aprenda, compreenda e depreenda os conhecimentos ensinados durante o curso a distância, é preciso que este seja respeitado a partir de sua realidade, a partir do que enuncia, do que diz, do que evoca por meio da palavra (escrita, oral). Bakhtin (2003), afirma que a palavra está permanentemente inserida numa relação dialógica: tanto serve de expressão de um em relação ao outro, uma vez que é dita por alguém, como também é dirigida a alguém.

Assim, entendemos ser importante conceituar o que é língua(gem), discurso como um processo de interação, bem como ressaltar as maneiras de ler e de escrever, pois o aluno que se inscreve num curso a distância precisa ser compreendido como um todo para que possa ser levada em conta a sua história de vida, o seu dizer acerca do mundo e o que é educação para ele.

## 2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesse artigo recorre à bibliografia acerca do tema Educação a Distância, bem como a uma pergunta aberta aplicada a três professores de escola pública sobre a Educação a Distância e respectivas transcrições. Neste sentido, a abordagem em que se inscreve a presente pesquisa é qualitativa exploratória, uma vez que estimula os entrevistados (sujeitos pesquisados) a pensarem livremente sobre o tema, objeto ou conceito. Permite ainda, que o pesquisador tenha familiaridade com o problema a ser investigado, com vista a torná-lo mais explícito ou construir hipóteses (GIL, 2008).

Portanto, nessa pesquisa, o texto materializado se dá a partir das vozes dos sujeitos, pois o que interessa na Análise Dialógica do Discurso não é a palavra em si, mas o entremeio, os sentidos desses enunciados. Porque é por meio desses enunciados que vemos e tentamos compreender como o sujeito vai se constituindo *na* e *pela* história. Assim, compreendemos que os enunciados dos três sujeitos dão conta do que se propõe analisar em se tratando de uma pesquisa qualitativa.

Passamos, assim, a analisar e discutir os registros dos três professores aqui pesquisados na seção seguinte.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A digitalização - a veiculação e armazenamento digital de informações por meio, principalmente da Internet permite registrar, editar, combinar, manipular todo e qualquer conhecimento, em qualquer lugar, a qualquer tempo. A virtualização de conteúdos, imagens, atividades traz inúmeras possibilidades de escolha e de interação. A mobilidade e a digitalização nos libertam dos espaços e tempos rígidos, previsíveis, determinados. A construção do conhecimento por meio da Educação a Distância tem permitido estender o processo de ensino-aprendizagem para além das salas de aula, ou do ambiental virtual de aprendizagem em se tratando da formação docente (LÉVY, 1997).

Para Almeida (2007) os recentes ambientes virtuais viabilizados pelos sistemas tecnológicos na rede mundial de computadores, reúnem docentes e alunos no ciberespaço<sup>2</sup> e possuem características não encontradas anteriormente. As possibilidades de interação e uso de certos recursos que apenas a Internet possui como o hipertexto, autoria coletiva simultânea seriam amplamente contempladas. Neste sentido, Moran (2003) afirma que uma mudança de qualidade no processo de ensino e aprendizagem acontece quando conseguimos interligar todas as tecnologias: as telemáticas, as audiovisuais, as textuais, as orais, musicais, lúdicas e corporais. Deste modo, com uma página virtual é possível interligar o uso dessas variadas mídias.

Assim, no dia 22 de outubro de 2012, foram entrevistados cinco docentes das seguintes áreas: (um) Ciências Exatas (Matemática), (dois) Linguagem (Língua Portuguesa), (um) Ciências Exatas e Naturais (Ciências Biológicas), (um) Ciências Sociais (Geografia) que cursaram ensino presencial e a distância. Destes cinco, apenas três docentes<sup>3</sup> egressos do ensino superior (graduação) a distância que ministram aula nas séries finais do ensino fundamental e ensino médio em uma escola pública localizada no Vale do Itajaí (SC), responderam em uma folha de papel A4 e via *e-mail* (correio eletrônico), o seguinte comando: *“O que você entende por educação a distância”?* Seguem as respostas dos sujeitos na íntegra<sup>4</sup>:

---

<sup>2</sup> “Espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e de memórias informáticas” (LÉVY, 1997, p. 107).

<sup>3</sup> Para este artigo, resguardamos as verdadeiras identidades dos sujeitos pesquisados e os nomeamos por S1 (Sujeito 1), S2 (Sujeito 2) e S3 (Sujeito 3).

<sup>4</sup> As transcrições que seguem não sofreram correções, logo possíveis erros ortográficos, de concordância, de pontuação que aparecem no decorrer das respostas, são escritas dos próprios sujeitos pesquisados (S1, S2, S3). Reiteramos que os entrevistados autorizaram a divulgação de suas entrevistas.

*A educação a distância é um processo que possibilita o estudante ter uma organização do tempo e espaço de estudo. No entanto, requer cuidado e disciplina em sua jornada diária. Com isso, o tempo específico para os afazeres é necessário, inclusive a possibilidade para os estudos. A autonomia do estudante facilitará a organização individual. Não significa que esse modelo será mais fácil, mas sim adequará ao estilo de vida e a valorização dos afazeres. Portanto, permitirá o questionamento, formas de leituras, organização de idéias, longe de modelos de estudos e caindo uma reflexão sobre os aspectos fundamentais para uma formação (S1 – 46 anos, área de atuação – Linguagem (Língua Portuguesa), 6 meses de magistério).*

*Uma oportunidade para muitos, pois há pessoas que realmente gostaram de estudar uma formação e não possuíam renda e tempo suficiente para isso. Há quem diga que quem estuda a distância não aprende, eu discordo dessa afirmação, só não aprende quem não tem interesse em aprender, assim como no curso presencial há pessoas que saem sem saber quase nada, isso é muito relativo. Uma pessoa que faz curso à distância, terá que ler e estudar muito mais do que o aluno que está em sala. É claro que na educação à distância é necessário um sistema de avaliação eficiente, presencial, que realmente cobre do aluno a aprendizagem significativa (S2 – 39 anos, área de atuação - Ciências Exatas e Naturais (Ciências Biológicas), 3 anos de magistério).*

*Se fosse falar da educação a distância antes de eu me formar nesta modalidade de ensino, eu diria que ela é apenas mais uma nova oportunidade para quem não tem condição de freqüentar a escola regularmente se formar no ensino superior. Depois de formado e de ter participado por quase 4 anos desta forma de ensino, pude ver e julgar o tipo de pessoal que busca esta forma de graduação. Acredito que o ensino a distância agora sirva para formar uma quantidade muito grande de pessoas desqualificadas, enchendo assim o mercado com profissionais incapazes de lidar com várias situações que ocorrem no dia a dia, mas por outro lado, vejo a educação superior presencial se banalizar todos os dias, onde basta vc pagar e participar das aulas e vc é aprovado, isto claro, pensando totalmente na educação superior privada nas universidades de nossa região, acredito fielmente que as instituições publicas ainda não chegaram nesta fase de aprovação, até porque lá por ser gratuito, tem mais cobrança. Várias são as metodologias utilizadas em educação, seja elas, à distância, presencial ou semi, de uns anos para cá a educação vem decaindo não só na educação a distância onde vários professores formados nas presenciais falam de boca cheia que a educação a distância está saturando o mercado. Depois que entrei na educação como professor, pude perceber um certo desconforto entre todos os profissionais da área a respeito disto, mas realmente a grande maioria que tem aversão a esta modalidade de ensino são aqueles profissionais arcaicos e não abertos a mudanças, aqueles que reclamam de salários, de escola, de métodos de ensino, mas não evoluem em sala de aula, continuam aplicando a educação bancária de anos atrás, e dizem ser professores “perfeitos”, pode ser uma palavra radical, mas é preciso sim haver uma renovação da educação a nível nacional. Quando penso em educação a distância, penso que foi nesta modalidade que me formei, me julgo crítico, inteligente ao extremo e sinceramente, muito, mas muito melhor que dezenas de professores que têm aversão a esta modalidade de ensino, agora quando falo em metodologias de ensino, de preparação para o trabalho, de aprendizado sistemático, penso realmente que nem a educação a distancia, nem a presencial estão dando conta do trabalho, as duas hoje voltadas totalmente ao capitalismo de consumo, não tem preocupação alguma em atender aos profissionais que estão ingressando no mercado de trabalho, principalmente na área de educação, a educação ficou “detonada”, jogam qualquer analfabeto “tanto professor como aluno” numa sala de aula, e esperam que eles resolvam todos os problemas. No meu curso de geografia, a educação a distância não me serviu pra nada, e tenho certeza absoluta que a presencial também não serviria, pois a educação esta errada, não é a modalidade, o método de educação, os conteúdos, as idéias ilusórias, as falsas expectativas, tudo isto aliado á “burrice” daqueles que buscam a licenciatura a distancia como uma forma de ter um “salário melhor”, muitos deles vindo de fabricas onde eram operários apertadores de parafusos, incapazes de conceber a educação como ela deveria. Acho que tanto na educação a distância como na presencial, eles prometem um futuro promissor, uma idéia de educação perfeita, mas somente quando abandonamos a faculdade e ingressamos na profissão é que temos uma palavra critica a respeito das formas de educar, e que nem a educação a distância quanto a presencial conseguem perpassar isto para seus alunos. Nosso país assim como muitos outros, principalmente os subdesenvolvidos, banalizaram a educação, e não somente a “à distância” mas toda forma de educação, banalizaram, criaram um comércio que vende títulos a preço de um futuro salário aceitável para viver na sociedade consumista que nos encontramos. E muitos dos que criticam qualquer forma de educação, são os mesmos que não buscam conhecimento fora da realidade de seu dia a dia, aqueles professores carregados com 60 horas semanais, que se inflam para dizer, “a educação a distância satura nossos empregos”, na minha concepção a forma mais*

*correta de estar levando em conta os aprendizados destes profissionais, seriam provas de tempos em tempos que comprovassem o desenvolvimento intelectual deste ser, aí sim separaria os bons dos ruins, e não o local que ele se formou e nem a modalidade de ensino. Pois todos não passam de comércio (S3 – 30 anos, área de atuação – Ciências Sociais (Geografia), 1 ano de magistério (resposta enviada por e-mail)).*

A partir dos dizeres de dois sujeitos, pudemos compreender que a Educação a Distância é uma possibilidade de aprendizagem e que esta exige comprometimento e autonomia. O S1 sinaliza isto quando afirma que é preciso organizar “o tempo e espaço de estudo” e que isto “requer cuidado e disciplina”. O S2 evoca que o aluno de Educação a Distância “terá que ler e estudar muito mais do que o aluno que está em sala”. Giroux (1997) entende a partir da pedagogia crítica, que alunos possam e devam intervir na sua própria autoformação, como podemos notar nas falas de S1 e S2, ao apontarem consciência de que precisam se dedicar mais nessa modalidade de ensino e têm autonomia para estabelecerem o seu tempo de estudo, impondo a eles mesmos regras para a organização desse tempo de estudo. Logo, esses sujeitos são “tanto produtores quanto produtos da história” (GIROUX, 1997, p. 15). Do mesmo modo, que precisam esses professores em formação usar o conhecimento crítico para mudar, muitas vezes, o próprio curso desta história.

Neste caso o fazem a partir do ingresso no curso de graduação a distância. Isto também vem a refletir nas escolas em que esses futuros profissionais atuam ou irão atuar como formadores de opinião, como educadores. Nóvoa (1992, p. 24), evoca que “a formação de professores pode desempenhar um papel importante na configuração de uma nova profissionalidade docente, estimulando a emergência de uma cultura profissional no seio do professorado e de uma cultura organizacional no seio das escolas”. Por outro lado, Nóvoa (1992, p. 24) afirma que “a formação de professores tem ignorado, sistemicamente, o desenvolvimento pessoal, confundindo <<formar>> e <<formar-se>>, não compreendendo que a lógica da actividade educativa nem sempre coincide com as dinâmicas próprias da formação”. Isto vai de encontro com o que o S3 aponta sobre sua recente formação em nível superior a distância comparada a de outros profissionais da educação formados pelo modelo presencial e atuando há muito tempo e que “continuam aplicando a educação bancária de anos atrás, e dizem ser professores “perfeitos””. Complementa ainda que “é preciso sim haver uma renovação da educação a nível nacional tanto do professor como do aluno”, pois “somente quando abandonamos a faculdade e ingressamos na profissão é que temos uma palavra critica a respeito das

formas de educar, e que nem a educação a distância quanto a presencial conseguem perpassar isto para seus alunos”. Isto porque

a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante *investir a pessoa* e dar um estatuto ao *saber da experiência*” (NÓVOA, 1992, p. 25).

Para Tardif (2002, p. 21) o saber da experiência é “um espaço onde o professor aplica saberes, *sendo ela mesma saber do trabalho sobre saberes*, em suma: *reflexividade*, retomada, reprodução, reiteração daquilo que se saber naquilo que se sabe fazer, a fim de produzir sua própria prática profissional”. Logo, estes saberes experienciais são baseados no trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio, sendo aquele que perpassa o *saber-fazer*, as habilidades, os métodos de transmissão de conhecimento. Assim, a “educação bancária de anos atrás”, e que está muito presente ainda nos dias atuais, pelo que sinaliza o discurso do S3, é contrária ao respeito às diferenças, pois para Freire (1987, p. 68):

A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a, fala de nossa educabilidade a um nível distinto do nível do adestramento dos outros animais ou do cultivo das plantas.

Enquanto fundada na concepção bancária, a educação tende a legitimar a ideologia social vigente, fazendo apenas o controle burocrático da aprendizagem por intermédio de avaliações em que os alunos devem devolver ao professor os saberes anteriormente transmitidos.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam. [...] Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber (FREIRE, 1987, p. 33).

Freire (1987) ressalta que a educação cumpre seu papel na medida em que permite a construção de um cidadão, ou seja, aquele que tem voz e vez no processo de ensino e aprendizagem. Busca a compreensão da realidade e muda-a em benefício de si e dos outros. Neste sentido, o professor em formação vai além das fronteiras de um



repassador ou transmissor de conteúdos e surge como alguém que instiga seus alunos a esta compreensão e transformação, pois o diálogo e a interação possibilitam isso.

Portanto, esta integração e troca de experiências através do diálogo permitem que professor/tutor e aluno da Educação a Distância, não fiquem limitados apenas a propagação de conceitos, fórmulas, discursos ou mesmo exercícios. Ou seja, tal dinâmica permite ir além, buscando a autonomia de pesquisa e veiculação das produções dos docentes e discentes em um ambiente virtual (*chats, fóruns, blogs, sites*), que exporia questionamentos e reflexões dos professores e dos alunos. Nesse sentido, Almeida (2007, p. 119) acrescenta que,

os ambientes virtuais de aprendizagem permitem aos participantes fornecer informações, trocar experiências, discutir problemáticas e temas de interesses comuns e desenvolver atividades colaborativas para compreender seus problemas e buscar alternativas de solução.

Essa interação entre professor/aluno e aluno/aluno permite que os atores da EAD acessem e visualizem exemplificações dos conteúdos trabalhados nas plataformas virtuais e as suas construções textuais divulgadas na grande rede de computadores. Compreendemos assim, que neste aspecto a experiência, ou seja, a possibilidade de algo que nos passe ou nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção. Isto nos permite parar para pensar, para olhar, parar para escutar nesta era digital pensando no aluno como um ser social, humano e não uma máquina (LARROSA, 2004).

Bauman (2001) considera que esse ser social e humano a partir do conceito de sociedade (da era digital) está derretendo e esse derretimento dos sólidos, vem levando a liberdade da economia de seus tradicionais embaraços políticos, étnicos e culturais. É bem por essa invasão de uma economia de mercado como ideário da humanidade que a ciência da educação deverá estar centrada no ser humano enquanto formador de gente e não de máquinas. A ciência da educação tem que entender as outras ciências, mas não ser igual, porque essa não é a função da educação.

Isto vai de encontro com o que o S3 aponta no tocante à Educação a Distância e também Presencial: “[...] nem a educação a distancia, nem a presencial estão dando conta do trabalho, as duas hoje voltadas totalmente ao capitalismo de consumo, não tem preocupação alguma em atender aos profissionais que estão ingressando no mercado de trabalho, principalmente na área de educação, a educação ficou “detonada” [...]”. Logo, entendemos a partir deste discurso, o que Nóvoa (1992) vem discutindo a mais de vinte anos, sobre a “crise da escola”. Aqui, o que está em questão é a eficácia da

escola/universidade, passível de ser melhorada a partir de uma intervenção centrada em aspectos didáticos e curriculares. Por outro lado, há carência de uma visão de mundo seja de si mesmo, da relação com os outros e da relação com a realidade social no que se refere à própria formação profissional docente e a sua identidade pessoal.

O S3 apresenta esta carência através da ilusão de que a “educação a distância não me serviu pra nada, e tenho certeza absoluta que a presencial também não serviria, pois a educação esta errada, não é a modalidade, o método de educação, os conteúdos, as idéias ilusórias, as falsas expectativas”. Nas palavras de Freire (1987, p. 68) “o educador já não é o que apenas educa, mas o que enquanto educa, é educado, em diálogo como o educando que, ao ser educado também educa. Ambos assim, se tornam sujeitos do processo”. Isso é possível, pois há uma ruptura no ensino tradicional, em que somente um ensina por transmissão. Nesse sentido, aprender com o outro, no caso de mediadores implica em saberes distintos. Os saberes se distinguem dado suas origens e intenções. O saber do professor tem uma qualidade dados suas leituras, sua experiência, sua intenção. O saber do aluno terá outra qualificação conforme suas leituras, seu contexto, suas relações. Isso não implica em superior/inferior, mas para que, quem destinam-se esses saberes.

Percebe-se ainda que o S3 possui a convicção de que não aprendeu por dizer que a Educação a Distância “não me serviu pra nada”, pelo contrário, acreditamos num viés histórico e social perpassado pela ideologia que na interação com suas leituras, discussões com professores e alunos, este sujeito teve uma educação libertadora, a qual pode questionar concretamente a realidade das relações do homem com a natureza e com os outros homens, visando a uma transformação (FREIRE, 1987).

Nesse caso acreditamos que o S3 pede por esta transformação, mas precisa lançar olhar para o que já está aí, a substância, o real, o já construído e a partir disto, compreender que sua realidade é a realidade de uma sociedade democrática, que vem buscando por uma qualidade nesta democracia através da ética. Esta entendida como ética universal do ser humano, enquanto marca da natureza humana que se constitui social e historicamente. Freire (2011, p. 20) explica que o ser humano, tornou assim, “[...] mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um “não eu” se reconhece como “si própria””. Logo, o S3 não se percebe em si, mas transfere um “não aprendido e não apreendido” quanto ao seu conhecimento a modalidade a distância e, também a que não estudou (presencial), e acaba em seu discurso nos permitindo

reconhecer o discurso que vem do outro em si. Discurso este que é a presença do ser humano que

[...] se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe. E é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade (FREIRE, 2011, p. 20).

Assim, a Educação a Distância como um dos sentidos apontados pelos sujeitos apresenta-se como um meio que possibilita que a forma de construir conhecimento, de experienciar, de romper com paradigmas tradicionais de educação, passem a ser veiculadas num novo espaço e tempo. Isto permite que professor e aluno possam transformar o meio em que vivem, tenham autonomia e consciência de seus atos, dos discursos que circulam em seu ambiente. É na sociedade do conhecimento que se forma a ideia de educação para formar cidadãos, escolarização universal, gratuita e leiga, que deve ser estendida a todos com qualidade na democracia.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação docente e a questão da educação a distância, foi a provocação no título do presente artigo. Trata-se de uma educação como possibilidade/oportunidade de formação, autônoma e democrática e, como tal responde a determinadas demandas sociais, por isso, o interesse numa perspectiva curricular em se tratando do docente. A partir dos objetivos específicos: o de buscar depreender nos discursos dos sujeitos, o processo de ensino e aprendizagem a distância no contexto em que se inserem; o de analisar as reflexões dos sujeitos sobre os sentidos dos discursos acerca da educação a distância e; o de compreender como esses sujeitos se veem nesse contexto em seu dia a dia, permitiram lançar um olhar endógeno para a Educação a Distância.

Assim, a democracia é palavra-chave nesse processo de interação, possibilitando a participação, a decisão compartilhada e envolvimento dos alunos de Educação a Distância. Agregados a este processo democrático, a Educação a Distância que se inscreve hoje na era digital, busca ir além da relação computador/ser humano e, sim, uma relação social *na* e *pela* interação com o *outro*. Cabe ressaltar, que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) apresentam-se como os meios que permitem que a forma de construir conhecimento, de experienciar, de romper com paradigmas tradicionais

de educação, passem a ser veiculadas num novo espaço e tempo. Isto permite que professor e aluno da Educação a Distância possam transformar o meio em que vivem, tenham autonomia e consciência de seus atos, dos discursos que circulam em seu ambiente.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Integração das Tecnologias na Educação. In: SEED/MEC. **Módulo Básico** – Gestão Integrada de Mídias/Informática. Brasília, 2007.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien, Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Tradução de Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LÉVY, Pierre. **Intelligence collective**. Pour une anthropologie du cyberspace. Paris: La Découverte/Poche, 1997.

MORAN, José Manuel. **O Eu e o Outro no grupo**. Material Interno do Programa de Pós-Graduação em Educação - Currículo da PUCSP - Projeto Formação Aprendizagem: Formas Alternativas de Atendimento, 2003.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António; CHANTRAINE-DEMAILLY, Lise. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote: Instituto de Inovação Educacional, 1992.

TAFNER, Elisabeth Penzlien; TOMELIN, Janes Fidélis; SIEGEL, Norberto. **Educação a distância e métodos de autoaprendizado**. Centro Universitário Leonardo da Vinci. Indaial: Grupo UNIASSELVI, 2009.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.